



coleção

Corpo em Cena

volume 1

Corpomídia não tem interface: o exemplo do corpo-bomba

Helena Katz

A bomba do homem-bomba é uma interface? O corpo que a carrega é uma interface? O corpo-bomba inspira a revisão do conceito de interface (uma mediação, através da qual se realiza a comunicação entre dois corpos). A hipótese aqui proposta é a de que o emprego de 'interface' se apóia na concepção de corpo-recipiente (no qual se despejam conteúdos) ou de corpo-suporte (no qual se inscrevem características). Para escapar da tirania da moldura dualista corpo-mente que sustenta tais entendimentos, o texto propõe a Teoria Corpomídia (KATZ & GREINER), que lê o corpo como um estado sempre transitório do que as trocas corpo-ambiente vão promovendo ao longo do tempo, e que propõe o corpo como mídia de si mesmo.

Palavras-chave: corpomídia, interface, corpo-bomba, corpo-suporte

No ambiente da tecnologia não existem cidadãos-corpos, existem usuários com interfaces. No Brasil de hoje, são mais de 67,5 milhões na internet¹, 191,4 milhões de celulares funcionando² (quase um por habitante, pois somos 192 milhões) - números que não devem parar de crescer, sinalizando mudança de hábitos importantes.

Quando o assunto é tecnologia, nem sempre se lembra que ela está marcada pelo acordo tácito com a guerra. Segundo Veríssimo (2007), é o desenvolvimento tecnológico para fins bélicos que nos faz avançar, e tem sido assim desde a invenção do estilingue até o twitter. As guerras, contudo, se diferenciaram bastante entre estes dois momentos históricos. As guerras se transformaram em eventos promotores do livre comércio e da política 'por outros meios', como diz Clausewitz³. E a "política "por outros meios" passou a se chamar terrorismo.

Ao longo da história, a classificação de terrorismo vem sendo modificada. Nos tempos modernos, é 1795 o ano lembrado como marco, por conta da implantação do "Reino do Terror" pelo Clube dos Jacobinos, na França pós-revolucionária de Robespierre. Depois da guerra civil americana, sulistas inconformados criaram a organização terrorista Ku Klux Klan para intimidar os negros e os partidários da reconstrução do país. Na segunda metade do século

1. Dados informados pelo Ibope/Nielsen em dezembro de 2009, publicados em 22/04/2010 em www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php

2. Dados informados pela ANATEL em matéria publicada 22/outubro/2010 no <http://idgnow.uol.com.br/telecom/>

3. O militar prussiano Carl von Clausewitz (1780-1831) publicou *On War* em 1832 e, desde então, é internacionalmente reconhecido como um dos mais importantes teóricos sobre estratégia. Talvez seu sucesso se deva ao fato da sua teoria descrever a natureza dos problemas estratégicos e, ao mesmo tempo, habilitar seu leitor a desenvolver sua própria capacidade estratégica - o que favorece a adaptabilidade a todos os contextos.

XIX, anarquistas da Europa ocidental, da Rússia e dos Estados Unidos passaram a acreditar que o caminho para a mudança revolucionária passava pelo assassinato de pessoas em posições de comando. (www.brasilecola.com/historia/terrorismo).

A partir da década de 1970, os meios de comunicação passaram a divulgar como terroristas, dentre outros, grupos como a Baader-Meinhoff (Alemanha), o Exército Vermelho (Japão), as Brigadas Vermelhas (Itália), a al-Fatah e o Hamas (Oriente Médio), o Sendero Luminoso (Peru), a ETA (Espanha), e o Taleban (Afeganistão). O primeiro grupo terrorista de que se tem notícia data da antigüidade, segundo Mazetto (2005), do ano 6: o Sicarii teria sido formado por uma facção de habitantes radicais da Palestina, contrários à ocupação dos romanos.

De lá para cá, o terrorismo, em suas diversas configurações, não deixou de participar da história da humanidade, mas foi somente a partir do 11 de setembro de 2001, com o ataque às torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, que o terror deixou de ser vinculado exclusivamente às regiões refugadas pela globalização e passou a ser tratado como questão de segurança internacional, transformando-se em tema obrigatório nas agendas das relações entre os países (Mazetto, 2005). O tipo de terrorismo que produziu o 11/09 foi o mesmo que inventou um novo tipo de corpo: o corpo-bomba.

Corpo-bomba, terrorismo, fundamentalismo

Em tecnologia, o corpo é tratado como uma interface (um campo de experimentos, um operador do relacionamento homem-máquina), ou como um portador de próteses (dispositivos artificiais com a finalidade de melhorar a sua capacidade funcional, que se

distinguem das órteses, os dispositivos utilizados na área da saúde para alinhar, prevenir e até corrigir partes móveis do corpo). Todavia, se for possível não entender o mundo como um amontoado de realidades que aguardam descrições cada vez mais precisas, mas sim como um fluxo permanente de transformações, o corpo pode ser repensado com outras premissas. Esse novíssimo tipo de corpo que parece ocupar um espaço cativo nas sociedades - o corpo-bomba - constitui um estímulo fundamental para uma reflexão sobre essa questão.

A hipótese aqui proposta é a de que o corpo-bomba não resulta da soma de um corpo-suporte com uma bomba-prótese nele atada. O corpo-bomba é, ele mesmo, uma bomba, e essa bomba não constitui uma extensão do corpo. Além disso, há que destacar também que o corpo e a bomba não operam e tampouco se relacionam através de interfaces.

O corpo-bomba está sempre destituído dos signos visuais associados à guerra, fato que já o diferencia de uma bomba. A ausência dos traços identificatórios faz dele uma bomba com um detonador permanentemente destravado - situação que também o distingue do objeto comumente referido como bomba. O corpo-bomba pode explodir em qualquer lugar, a qualquer momento, e, por isso, não se perfila dentro da antiquada concepção de campo de batalha, onde os inimigos estão convencionalmente identificados. As suas batalhas são travadas no cotidiano dos territórios civis e militares, sem uniformes demarcatórios das partes em litígio.

A miséria, a maior responsável pela produção e manutenção da violência no mundo, estigmatiza os corpos que produz. Tatuada cada um com marcas que os meios de comunicação nos treinam a identificar como ameaçadoras. A miséria deixa aparentes as suas cicatrizes, mas o corpo-bomba do terrorismo contemporâneo

mantém-se invisível até o momento em que explode. Os ingredientes dessa explosão, segundo a mídia, formam uma associação entre corpo-bomba, terrorismo e fundamentalismo.

O fundamentalismo, uma devoção militante, tem produzido manifestações assustadoras: fuzila profissionais que trabalham em clínicas de aborto, mata participantes de um cortejo fúnebre, atira em fiéis rezando, em chefes de estado. O termo “fundamentalista” se origina no início do século XX, quando passou a ser usado pelos protestantes americanos que queriam se distinguir dos protestantes liberais, a quem acusavam de distorcer a fé cristã.

“Eles queriam voltar ao “fundamental” da tradição cristã, que identificavam como a interpretação literal da Escrituras e a aceitação de certas doutrinas básicas. Desde então, aplica-se a palavra “fundamentalismo” a movimentos reformadores de outras religiões”. (ARMSTRONG, 2001, p.10)

O fundamentalismo, contudo, pluralizou as suas formas e assumiu uma outra vertente, passando a constituir uma reação contra a cultura científica e secular. Os fundamentalismos judaico e islâmico diferenciam-se do fundamentalismo protestante porque não se prendem à doutrina, apesar do significado da palavra árabe para ‘fundamentalismo’ ser o estudo das normas e princípios da lei islâmica. Há diferenças, mas também há semelhanças: os fundamentalistas não vêm a sua luta como uma batalha política convencional, e sim, como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal.

Para Armstrong (2001), o fundamentalismo não representa um retrocesso, como divulgam os meios de comunicação. Ela

contraria Habermas (2004)⁴, apresentando-o como um movimento inovador e modernizante, e dá dois exemplos: o de Khomeini⁵, que subverteu a tradição xiita; e o dos pensadores muçulmanos que pregaram uma teologia da libertação com ideologia antiimperialista, inteiramente em sintonia com outros movimentos da mesma época.

“Alguns dos movimentos recentes procuraram levar a modernidade aos muçulmanos num contexto islâmico mais familiar do que o das ideologias importadas do Ocidente, levando aqueles que ficaram à margem do processo modernizador a compreender instituições como governo representativo e regime democrático” (Ibidem, p. 408).

Os fundamentalismos se constituem como experimentos religiosos modernos, tecidos com a ideologia da exclusão. Tomam a forma de uma fé combativa, que prevê a aniquilação do inimigo com ódio e violência. Sob muitos aspectos, não operam dentro da separação entre Igreja e Estado praticada no mundo secular, e tentam recriar a plenitude perdida, levando a fé para dentro da política. A força ambígua dos fundamentalismos está na maneira como vinculam a sua ação modernizante com as atividades de destruição. Se concordarmos que as relações sociais se materializam no espaço,

4. Habermas identifica o terrorismo como um fenômeno próprio do mundo moderno, “ele é o efeito do trauma da modernização que se espalhou pelo mundo em uma velocidade patológica”. Diz que sua ideologia mostra-se essencialmente avessa à modernidade e à secularização. Enquanto certos valores do Iluminismo representam o produto do uso que um sujeito pode fazer de sua razão, o fundamentalismo se colocaria como o extremo oposto, na medida em que uma verdade revelada não faz diferenciação alguma, por exemplo, entre religião, conhecimento secular e política. (LIMA, www.tem-popresente.org/index)

5. Rouhollah Mousavi Khomeini (1902-1989) liderou a República Islâmica do Irã por dez anos, período no qual estabeleceu uma revolução cultural que tinha como objetivo “islamizar todo o país”. Livros foram queimados, e muitos dos que se opunham à associação política-religião em curso foram condenados à morte (www.iranchamber.com/history).

compreenderemos o nascimento do corpo-bomba como o da mais poderosa representação do esforço de religamento da religião com o estado. O corpo-bomba que junta fé e política.

Corpomídia e interface

Um corpo-bomba não deve ser assemelhado, na maneira com que dele se fala, a um foguete disparador de bombas. O foguete, sim, é um suporte que carrega uma bomba, e pode ser descrito como a interface entre a bomba e o seu objetivo, quando se entende interface como sendo “um lugar onde o contato entre duas entidades ocorre (por exemplo, a tela de um computador)”, em um mundo que “está repleto de exemplos de interfaces: a maçaneta de uma porta, uma torneira, a direção de um carro, etc” (ROCHA e BARANAUSKA, 2003, p.8).

O conceito de interface implica na aceitação de que os objetos se relacionam, uns com os outros, através das suas superfícies de contato e que nelas estão refletidas as propriedades físicas das suas partes, bem como as funções que devem ser executadas.

“O conceito de interface é utilizado em diferentes áreas da ciência da computação e é importante no estudo da interação homem-máquina, no projeto de dispositivos de *hardware*, na especificação de linguagens de programação e também em projetos de desenvolvimento de *software*. A interface existente entre um computador e um humano é conhecida como interface do usuário e as interfaces utilizadas para conectar componentes de *hardware* são chamadas de interfaces físicas” (SILVA FILHO, 2003).

Todavia, o que hoje se conhece sobre o funcionamento do corpo não sustenta o entendimento de que corpo é aquilo que fica contido dentro de uma superfície-embalagem e se relaciona com os outros corpos-contidos-nas-suas-respectivas-superfícies-embalagens através de uma superfície-face, que se comunica com uma outra superfície-face. No corpo, a superfície-face-fronteira é uma membrana⁶ que existe como um limite “estável” que é, ao mesmo tempo, dinâmico e flexível – uma combinação de características que se ajusta com mais propriedade ao modo do corpo existir.

“A membrana plasmática cumpre uma vasta gama de funções. A primeira, do ponto de vista da própria célula, é que ela dá individualidade a cada célula, definindo meios intra e extra celular. Ela forma ambientes únicos e especializados, cuja composição e concentração molecular são consequência de sua permeabilidade seletiva e dos diversos meios de comunicação com o meio extracelular. Além de delimitar o ambiente celular, compartimentalizando moléculas, a membrana plasmática representa o primeiro elo de contato entre os meios intra e extracelular, transduzindo informações para o interior da célula e permitindo que ela responda a estímulos externos que podem, inclusive, influenciar no cumprimento de suas funções biológicas”.

6. As membranas celulares consistem de uma dupla camada contínua de lípidos, com a qual proteínas e carboidratos das mais diversas naturezas interagem das mais diversas maneiras... Justamente a bicamada lipídica é que confere estabilidade e flexibilidade, ao mesmo tempo, à membrana. Pode-se dizer que os lípidos são os componentes que compõem a estrutura básica da membrana. Existem 3 grandes classes de lípidos que compõem a membrana plasmática: fosfolípidos, esteróis e glicolípidos, sendo que fosfolípidos são os mais abundantes, via de regra. (Dutra, <http://www.icb.ufmg.br/mor/biocelch/membrana/membrana.html>).

(Dutra, <http://www.icb.ufmg.br/mor/biocelch/membrana/membrana.html>).

Ou seja, a membrana garante um tipo de porosidade capaz de favorecer trocas ao ponto de chegar a modificar as suas próprias funções. Isso significa que a membrana é também corpo e não um contorno assegurador de conteúdos internos, uma vez que se transforma porque participa dos processos de troca com o ambiente. Assim, a membrana, diferenciando-se da interface, não pertence ao modelo de comunicação que cabe na descrição input-canal-output. Por ser corpo, sofre modificações, mas elas não implicam em ameaça à sua permanência. A membrana, como o corpo, vive da combinação entre estabilidade e mudança e, por essa razão, torna-se mais adequada para descrever, de forma mais aproximada, o que se passa entre corpo e ambiente.

Os entendimentos de que o dentro e o fora se relacionam por uma fronteira-contorno que os separa, uma espécie de guichê de entrada do qual não se fala na saída, implicam na aceitação de que o corpo se comunica através da sua 'face' (superfície, contorno, limite, fronteira), e de que a 'face' atua como uma ante-sala agenciadora da comunicação.

Duas entidades distintas seriam postas em contato através das suas 'faces'. Todavia, como as trocas com o ambiente são permanentes, a 'face' não se preserva porque os seus ditos "conteúdos" participam do fluxo de transformações que não se estanca. Se assim é, fica instabilizada a idéia de que existe um marco delimitador denominado interface, que ocupa o papel de um terceiro que põe dois corpos distintos em comunicação.

"Processos co-evolutivos entre corpo e ambiente produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Evidentemente, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos, de cada ser vivo, mas a sua implicação no meio é inevitável e fundamental". (KATZ & GREINER, 2001)

Sem interface, o corpo deixa de ser entendido como um lugar onde as informações que chegam (input) são processadas (dentro dele) e depois expressadas (output). Sem interface, o corpo se distancia do modelo de corpo-processador, uma vez que as máquinas processadoras de informação não se modificam em tempo real de acordo com as informações que processam. Um liquidificador não se altera quando liquidifica os ingredientes de um bolo de chocolate ou de uma torta de legumes. O liquidificador, bem como qualquer outra máquina processadora, se ajusta perfeitamente ao entendimento de conteúdo-contingente, de dentro-fora. Os corpos vivos, porém, não operam como máquinas processadoras, pois se transformam de acordo com as informações que trocam com o ambiente, que também se modifica. As mudanças passam a fazer parte constitutiva do corpo e do ambiente, e como não estancam, não param de transformar a coleção de informações que constitui cada corpo – uma coleção, portanto, sempre transitória.

Assim, um corpo está sempre comunicando quais as informações que o constituem em cada momento. Ele não é um veículo ou um canal ou um meio pelo qual alguns conteúdos internos, de vez em quando, podem ser expressos. O corpo é sempre mídia de si mesmo (da coleção de informações que o forma a cada momento) e não um corpo que depende de uma ação voluntária para expressar-se. Por isso, todo corpo é um corpomídia.

“Uma interface, em ciência da computação, é a fronteira que define a forma de comunicação entre duas entidades. Ela pode ser entendida como uma abstração que estabelece a forma de interação da entidade com o mundo exterior, através da separação dos métodos de comunicação externa dos detalhes internos da operação, permitindo que esta entidade seja modificada sem afetar as entidades externas que interagem com ela. Uma interface também pode promover um serviço de tradução para entidades que não falam a mesma linguagem, como no caso de humanos e computadores”. (SILVA FILHO, 2003).

Discordando da proposta de que a troca de informações não afeta ‘as entidades externas’, o semioticista Thomas Sebeok (1991) salienta que o ambiente nunca é passivo nem estático, mas sim “contexto-sensitivo”. A noção de contexto varia muito. Sebeok define contexto como o reconhecimento que um organismo faz das condições e maneiras de usar efetivamente as mensagens. Contexto inclui, portanto, sistema cognitivo (mente), mensagens que fluem paralelamente à memória de mensagens prévias que foram experienciadas e, sem dúvida, a antecipação de futuras mensagens que ainda serão trazidas à ação, mas já existem como possibilidade. Ou seja, o dentro e o fora do corpo passam a ser tratados dentro do viés da co-dependência.

Talvez a célula seja um bom exemplo para entender a comunicação praticada entre corpo e ambiente. Como se sabe, moléculas (a menor parte de uma substância que ainda é aquela substância) entram e saem da célula, e esse tipo de fluxo, o de entrar/sair, poderia levar a crer que a célula é um depósito que

armazena o que restou depois dos movimentos de entrada e saída. Sucede que, quando uma molécula adentra uma organização celular, ela modifica aquela organização, da qual passa a fazer parte e, nesse procedimento, também se modifica. Ocorrem processos de adaptação em todos os participantes dessa ocorrência, seja na molécula que chega, na organização celular que a recebe, e no ambiente ao qual ambas pertencem. A relação entre corpo e ambiente, portanto, é de natureza codependente e coevolutiva⁷.

“... atravessar uma membrana implica em uma transformação da rede de relações e gera uma transformação da identidade (que já não pode ser pensada em si e por si mesma, mas em um emaranhado relacional co-evolutivo)” (NAJMANOVICH, 2001: 24-25).

O termo ‘coevolução’ vem se popularizando velozmente. Na década de 1990, foram publicados vários livros e mais de mil artigos acadêmicos sobre o assunto.

“Cabe destacar que coevolução não é sinônimo de interação, simbiose ou mutualismo. Coevolução é a mudança na composição genética de uma espécie (ou grupo) como resposta a uma mudança genética em outro/a. Mais genericamente, trata-se da idéia de uma mudança evolutiva recíproca”. (<http://biomed.brown.edu/>)

Corpo e ambiente, portanto, desenvolvem uma relação co-evolutiva através das trocas que realizam. Cada corpo é mídia da coleção que o constitui, ou seja, é mídia de si mesmo, em uma operação que se dá sem interfaces. Com o conceito de corpomídia,

7. O termo ‘coevolução’ é, por vezes, atribuído ao estudo da relação entre borboletas e plantas desenvolvido por Ehrlich and Raven (1964), mas a formulação do seu conceito já estava presente em *Sobre a Origem das Espécies* (1859), de Charles Darwin.

compreende-se que o corpo-bomba deixa de ser, mesmo enquanto não explode, um corpo-suporte-de-uma-bomba. A partir do momento em que se investe da proposta de vir a ser um corpo-bomba, inicia uma série de modificações que fazem com que deixe de ser um corpo para se transformar em uma bomba, mesmo que essa transformação não seja visualmente reconhecível. Aliás, a invisibilidade da mudança em curso constitui uma estratégia indispensável no processo de formação de um corpo-bomba.

O corpo-bomba é mestiço, ou seja, não representa a soma de um corpo com uma bomba. Ele surge de uma manufatura que reúne natureza (corpo) e cultura (a tecnologia que resulta na bomba) e se apresenta como uma forma.

Nossa história de viabilizar massacres deliberadamente indiscriminados, começada há dez mil anos, com a instituição da agricultura sedentária, veio dar na globalização, que acentuou as desigualdades econômicas e sociais, tanto dentro dos países como entre eles, produzindo um impacto maior nos que menos dela se beneficiam. Os recusados pela globalização se apropriam da tecnologia e, sem mediação do poder, traçam as suas estratégias políticas de ação. Esse é o contexto-sensitivo do qual o corpo-bomba se tornou corpomídia.

Referências

- ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- DUTRA, Walderez Ornelas. "Membrana Plasmática", <http://www.icb.ufmg.br/mor/biocelch/membrana/membrana.html>
- HÄRD, Mikael e Andrew JAMISN, eds. *Un Intellectual Appropriation of Technology*. The MIT Press, 1998.
- HOBSBAWN, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

- LIMA, Elson. Resenha de HABERMAS, J. "Fundamentalismo e terror" In: BORRADORI, G. *Filosofia em tempo de terror: diálogos com Jürgen Habermas e Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. www.tempopresente.org/index
- MAZETTO, Francisco de Assis Penteadó. "A origem do terror", em *Os 10 Maiores Terroristas*. São Paulo: Editora Abril, 2006.
- NAJMANOVICH, Denise. (2011). *O sujeito encarnado. Questões para pesquisa no cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- ROCHA, Heloísa Vieira da. *Design e avaliação de interfaces humano-computador*. São Paulo: NIED/ Unicamp, 2003.
- SILVA FILHO, Antonio Mendes da. "Percepção Humana na Interação Humano-Computador". Revista Espaço Acadêmico, Ano III, Nº 25, ISSN 1519.6186, julho de 2003.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de e Maria Cecília Calani Baranauskas. "Um demolidor elegante e otimista", *Cultura*, O Estado de S. Paulo, pg. D12, 2/12/2007.
- STONE, Allucquère Rosanne. *The War of Desire and Technology at the Close of the Mechanical Age*. Cambridge, London: The MIT Press, 1998.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. "Há micróbios". Caderno 2, O Estado de S. Paulo, pg. D8, 2/12/2007.

Sites:

- <http://biomed.brown.edu/>
- www.iranchamber.com/history
- www.brasilecola.com/história/terrorismo.
- <http://www.icb.ufmg.br/mor/biocelch/membrana/membrana.html>
- www.tempopresente.org/index
- www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php

© 2010 Lenira Rengel e Karin Thrall

Projeto gráfico, fotografia, diagramação e publicação:

Anadarco Editora & Comunicação

Agência: R. Oscar Freire, 329 - cj. 71

São Paulo, SP - 01426-001

T. 11 2737-5317

Produção: Caixa Postal 183

Guararema, SP - 08900-000

T. 11 4693-5317

www.anadarco.com.br / editora@anadarco.com.br

ISBN: 978-85-60137-24-4

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a permissão por escrito da editora.

adquira livros em nossa loja virtual:

www.anadarco.com.br